

A entrevista como método de pesquisa qualitativa: uma Leitura Crítica das memórias dos jornalistas

Ana Carolina Rocha Pessôa Temer¹, Simone Antoniaci Tuzzo¹

¹Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Goiás, Brasil.
anacarolina.temer@gmail.com; simonetuzzo@hotmail.com

Resumo. O principal objetivo deste trabalho é repensar a entrevista como método de pesquisa qualitativa, ou mais especificamente, refletir sobre as possibilidades de entrevistas com jornalistas como fontes para pesquisas científicas que vão além dos estudos sobre o próprio jornalismo, considerando dois pontos importantes: Em muitos casos a documentação que poderia fundamentar uma pesquisa científica foi destruída ou está inacessível, colocando a memória dos jornalistas como alternativa de fonte; os jornalistas configuram-se como um grupo especializado que possui acesso a informações que constantemente não estão disponíveis para o grande público, o que os torna fonte preciosa. Assim, a pergunta central que norteia este trabalho é: **As entrevistas com jornalistas caracterizam-se como fontes alternativas e diferenciadas de dados?**

Palavras-chave: Pesquisa qualitativa; Análise Crítica de Discurso; Jornalismo, Entrevista.

The interview as a method of qualitative research: a Critical Reading of journalists' memories

Abstract. The main objective of this work is to rethink the interview as a method of qualitative research, or more specifically, to reflect on the possibilities of interviews with journalists as sources for scientific research that go beyond studies on journalism itself, considering two important points: In many cases The documentation that could substantiate a scientific research was destroyed or inaccessible, putting the memory of journalists as a source alternative; Journalists are a specialized group that has access to information that is not constantly available to the general public, which makes them a precious source. Thus, the central question that guides this work is: Do interviews with journalists present a high degree of data reliability? **Are interviews with journalists characterized as alternative and differentiated sources of data?**

Keywords: Qualitative research; Critical Discourse Analysis; Journalism, Interview.

1 Introdução

Temer e Tuzzo (2014, p. 293) afirmam que "a comunicação não é apenas mais uma atividade humana, é atividade ação que define sua humanidade, sendo essencial para o desenvolvimento da racionalidade e para a formação dos grupos sociais, das comunidades e sociedades".

Os processos de comunicação mediados não são feitos apenas pelas tecnologias, muito pelo contrário, são feitos para e pelas pessoas. Neste processo existem, entre vários profissionais, os jornalistas, que se configuram como um conjunto de produtores de conteúdos que possuem acesso a informações diferenciadas e, muitas vezes, privilegiadas, que desenvolvem suas atividades nos limites de uma ética rígida, mas que também estão sujeitos às condições de uma produção capitalista que envolve a comercialização da força de trabalho em busca de um constante aumento dos lucros (ou prestígio, o que pode resultar na mesma coisa) das empresas para as quais trabalham.

Uma vez que trabalham com informação, matéria prima essencial para a produção jornalística, os jornalistas tendem a construir memórias diferenciadas sobre os fatos e acontecimentos, sendo eles mesmos fontes importantes para compreender processos históricos ou situações específicas.

Em função destas características, os jornalistas são muitas vezes fontes importantes para levantamento, em uma técnica de pesquisa que se aproxima da sua história oral. No entanto, justamente por trabalharem com informação e atuarem como mediadores entre a informação e o público, os jornalistas tendem a visualizar suas recordações de forma diferenciadas. No entanto, enquanto profissionais cujo trabalho é pelo menos parcialmente, serem bons entrevistadores, tende a não serem bons entrevistados.

Neste sentido, os profissionais de imprensa são fontes de informação diferenciadas, mas também indivíduos que lidam com a informação, disponibilizando e obliterando elementos, a partir de interesses conflituosos. Para desenvolver suas atividades os jornalistas são capacitados para classificar e organizar os fatos e a história, de forma diferenciada dos seus receptores. Como consequência, acessar a memória destes profissionais e buscar sua colaboração por meio de entrevistas também implica em buscar métodos especializados, que possam fazer esses elementos trabalharem a favor da obtenção da informação, ao mesmo tempo driblando eventuais falhas - intencionais ou não - no conjunto de conteúdos resultante destes contatos.

Assim, este trabalho busca responder a pergunta central: **As entrevistas com jornalistas caracterizam-se como fontes alternativas e diferenciadas de dados?**

Neste sentido é necessário entender o jornalista em uma dupla relação: como indivíduo/cidadão que se equilibra entre os riscos e os privilégios da profissão, mas também como profissional cuja defesa da cidadania e da democracia é condição essencial para o próprio trabalho.

O conceito de cidadania que será discutido neste trabalho é um dos elementos definidores dessa relação e, assim como a comunicação, é também um componente dinâmico. Desta forma, pensar a relação dos jornalistas com a comunicação e a cidadania a partir de modelos estáticos é ao mesmo tempo insuficiente e inadequado. Com este ponto de partida, portanto, pretende-se também refletir sobre aspectos e possibilidades que contribuam para uma compreensão dinâmica sobre a relação entre jornalismo e cidadania.

A questão central desta investigação dará embasamento para se refletir sobre a validade da pesquisa, as metas a serem atingidas, a estrutura conceitual e a metodologia. A construção das pesquisas bibliográficas e de campo foi firmada em quatro aspectos destacados em Tuzzo (2016): a definição do tipo de pesquisa; os instrumentos de recolha de dados; a definição do *corpus*; e os métodos de análise. Utilizando os métodos qualitativos as investigações firmadas nas ciências da comunicação foram desenvolvidas no Laboratório de Leitura Crítica da Mídia - LLCM, da Universidade Federal de Goiás - UFG, Brasil em 2016 e 2017.

2. Fundamentação Teórica - Jornalismo, história oral, cidadania e leitura crítica

O embasamento teórico sobre jornalismo firma-se em Temer (2014) que assevera que o jornalismo é uma atividade socialmente importante e institucionalizada a partir de compromissos e práticas específicas que inclui não só um olhar sobre a lógica da notícia, mas também a relação do jornalista que seleciona e formata uma informação e, por consequência, passa a interferir na pauta de notícias. Jornalismo encontra também respaldo em Marques de Melo (1991) e Bourdieu (1997) que estudam a inserção complexa do jornalismo na dinâmica social.

Os conceitos de lembrança, memória e história oral deste trabalho firmam-se em autores como Thompson (1988, p. 197), para quem "Toda fonte histórica derivada da percepção humana é subjetiva, mas apenas a fonte oral permite-nos desafiar essa subjetividade: descolar as camadas de memória, cavar fundo em suas sombras, na expectativa de atingir a verdade oculta". De fato, a pesquisa oral permite confrontar o entrevistado com os dados de outras fontes, solicitar explicações, acrescentar, detalhar.

Como definição a história oral “implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é a razão de ser da história oral”. (Bom Meihy, 1996, p. 10)

Ainda segundo Bom Meihy (1996), a moderna história oral nasceu em 1947, na Universidade de Columbia (EUA), mas só ganhou impulso no Brasil depois da abertura política, em 1983. Seu objetivo é buscar na experiência dos indivíduos aspectos de sua vida sem deixar de lado um compromisso com o contexto social.

Bosi (1994) entende que a memória pode ser definida através das elaborações de Bergson (1959) e Halbwach (1956; 1964), pois “a lembrança é a sobrevivência do passado que, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora a consciência na forma de *imagens-lembranças* [...] que se refere a uma situação definida, individualizada, a memória que se busca de forma consciente” (Bosi, 1994, p. 49-53).

Os conceitos de cidadania se respaldam em Carvalho (2010) e Souza (2003), que apresentam a cidadania firmada em direitos civis, políticos e sociais.

Assim, o direito à informação também faz parte da construção da cidadania, por isso a relação entre a cidadania e o jornalismo que encontra base em Temer (2016) ao afirmar que o acesso ao jornalismo, e ao conjunto das mídias em suas diversas opções de conteúdos, é uma necessidade para todos que querem participar de uma sociedade. Não por acaso, o jornalismo se associa e se auto-proclama como atividade fundamental para o exercício da cidadania no mundo contemporâneo e para a concretização dos direitos políticos individuais.

O conceito de leitura crítica da mídia fundamenta-se em Tuzzo (2016), ao dizer que quando pensamos em leitura crítica, estamos nos opondo à leitura mecânica, da coleta objetiva de dados, do olhar simples sobre as palavras e seus significados imediatos; da mera junção de conteúdos. A leitura crítica deve ser pensada em uma relação com a leitura social firmada em cinco categorias: a compreensão, a interpretação, a reflexão, a crítica e a produção do texto dentro de um contexto social. A leitura crítica prevê uma interpretação da sociedade.

Temer (2014) corrobora ao explicar que a leitura/apreensão dos dados não deve ser vista como um ato automático de decodificação/indução/dedução, mas como um ato de autonomia e criticidade do investigador em relação àquilo que ele pesquisa. Para a autora, a decodificação da mensagem pode ocorrer de diferentes formas e com diferentes níveis de apreensão dos conteúdos.

Assim, desenvolver essa pesquisa na perspectiva da leitura crítica é entender que a comunicação só pode ser compreendida no contexto da realidade dos indivíduos que desenvolveram as ações, ou seja, a realidade só é real a partir dos registros sensíveis que se tem dela.

3. Metodologia

Este trabalho apresenta uma possibilidade da entrevista com jornalistas como método de pesquisa, indicando uma análise crítica destas entrevistas e situando-as em uma perspectiva comparativa com o material documental fornecido pelo próprio jornalista. Em termos práticos, trata-se de uma metodologia que confronte a memória dos jornalistas com dados obtidos por meio de pesquisa documental do próprio material jornalístico, que, considerando os limites da própria memória humana, forneceria um referencial mais objetivo dos dados citados nas entrevistas.

Como proposta de trabalho parte-se do princípio de que a memória humana é, por assim dizer, “desorganizada”. Particularmente no caso dos jornalistas, que tem acesso a uma grande quantidade de informações, faz-se necessário “ancorar” essas memórias nas notícias publicadas no jornal. Considera-se também que o jornalista tem uma relação privilegiada/diferenciada com a memória, uma vez que, sendo impossível para o jornalista presenciar e/ou vivenciar no tempo real todas as

notícias, via de regra, o jornalista recorre (tão rapidamente quanto possível) a memória das pessoas que viveram ou foram agentes dessa notícia, extraindo deles os fatos e as interpretações.

As pesquisas qualitativas aqui desenvolvidas se firmam nos quatro eixos centrais de construção propostos por Tuzzo (2016) e que podem ser descritos como:

- 1) Definição do tipo de pesquisa - Pesquisa Bibliográfica; Pesquisa de Campo; Pesquisa tipo Etnográfica; Pesquisa Qualitativa, feita a partir de uma Leitura Crítica;
- 2) Recolha de dados - Entrevistas com jornalistas;
- 3) *Corpus* para construção da amostra - Jornalistas;
- 4) Métodos de análise - Análise do Discurso Crítica.

3.1) Definição do tipo de pesquisa - Pesquisa Bibliográfica; Pesquisa de Campo/empírica; Pesquisa qualitativa (subjeto / qualitativo)

3.1.1) Pesquisa bibliográfica

A pesquisa bibliográfica deve ser contextualizada e o pesquisador não pode somente reproduzir o que foi publicado, mas deve ir além, extraindo dela novas abordagens e olhares para que haja um avanço. Por isso a leitura crítica também deve estar presente na pesquisa bibliográfica, com o objetivo de reconstrução e avanço. Minayo (2000) aponta três aspectos importantes na composição da pesquisa bibliográfica, quais sejam, a quantidade suficientemente ampla de material que permita várias visões sobre o assunto pesquisado; a realização de uma leitura crítica por parte do pesquisador; um caráter disciplinar e operacional que possa ordenar o estudo.

Para Tuzzo (2016, p. 140) "a pesquisa bibliográfica deve ser criteriosa em sua seleção de textos e autores, prudente com datas e locais de publicação, sedutora em inquietar o pesquisador". E a autora vai além, explicando que a pesquisa bibliográfica não é somente uma fase do projeto, mas o acompanha durante todo o tempo de produção. A leitura de livros, fontes de informação, deve ser constante, até porque, a cada nova descoberta na pesquisa de campo, novas necessidades de busca por fundamentações teóricas são necessárias. Assim, a pesquisa bibliográfica deve ser tarefa contínua durante toda investigação e produção dos resultados da busca. Ela é fundamental para se saber como começar e imprescindível para se pensar em uma reflexão de todo o processo.

3.1.2) Pesquisa de campo/empírica

As pesquisas empíricas caracterizam-se como método de ampliação do conhecimento a partir da prática. No campo, a prática poderá ajudar na transformação da teoria que, principalmente, nas ciências sociais não é estática. Há um fazer teórico que se faz na prática e isso não é antagônico, é integração. A experiência não é menos científica que a teoria.

Marconi e Lakatos (2003, p. 186) afirmam que "A pesquisa de campo ou empírica é utilizada para conseguir informações e/ou conhecimento acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles".

O ambiente de pesquisa está na sociedade e o coloquial é um grande laboratório onde as manifestações sociais podem ser analisadas, sob a ótica da ciência que se investiga e que mais se quer aprofundar. O olhar do pesquisador deve ser crítico e o senso comum deve ceder lugar ao questionamento. No caso deste trabalho, o fenômeno social é fundamental.

3.1.3) Pesquisa qualitativa (subjeto / qualitativo)

O termo *pesquisa qualitativa* é definido por Godoy (1995) como aquela que envolve a obtenção de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos pelo contato direto do pesquisador com a situação estudada, procurando compreender os fenômenos, segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo. Ela não se apresenta como uma proposta

rigidamente estruturada, ela permite que a imaginação e a criatividade levem a propor trabalhos que explorem novos enfoques.

Minayo (2000) afirma que a pesquisa qualitativa requer como atitudes fundamentais a abertura, a flexibilidade, a capacidade de observação e de interação com os atores sociais envolvidos, pois ela destaca os sujeitos sociais que possuem as qualidades que o investigador pretende conhecer; avalia-os em número satisfatório para permitir uma certa reincidência das informações, porém não despreza informações ímpares cujo potencial explicativo tem que ser levado em conta. Além disso, esforça-se para que a escolha do *locuse* do grupo de observação e informação contenha o conjunto de experiências e expressões que se pretende objetivar.

3.1.4) Pesquisa tipo Etnográfica

A pesquisa de campo fundamentada na metodologia tipo etnográfica e de orientação crítica, cuja base é entrevistas com jornalistas se define na elaboração de entrevistas semi-estruturadas, aplicadas em um modelo de entrevista em profundidade (sem limite de tempo definido) que posteriormente devem ser analisadas de forma qualitativa, a partir de uma leitura crítica. A observação e as entrevistas são direcionadas, mas não dirigidas, permitindo que o resultado evidencie a descrição do fenômeno de estudo (Guber, 2001); (Caiafa, 2007).

O método do tipo etnográfico, ou etnografia da mídia, tem como base a ampla tradição deste modelo nos estudos sobre comunicação, mas também se destaca pela possibilidade de contato direto com os indivíduos a serem pesquisados e ao domínio da ferramenta entrevista, uma vez que se trata de uma ferramenta bastante utilizada no próprio exercício profissional do jornalismo. No entanto, no que se refere a entrevistas com jornalistas destaca-se que o domínio da ferramenta se dá em ambos os lados: entrevistador e entrevistados, o que torna sua utilização mais complexa.

Desta forma, os jornalistas devem ser compreendidos como atores sociais privilegiados e, portanto, têm uma visão diferenciada da realidade, mas também são sujeitos sociais inseridos em um contexto social, político e econômico sobre o qual não tem total controle, mas com o qual interagem, interferindo por meio de suas ações na própria complexidade deste contexto. Nesta situação eles são ao mesmo tempo vítimas do contexto e agentes de sua manutenção/transformação, uma vez que interferem nesta realidade social.

3.2) Recolha de Dados - A Entrevista com jornalistas como método de pesquisa qualitativa

A entrevista vem sendo utilizada como ferramenta e método de pesquisa há muitas décadas. As respostas obtidas por meio das entrevistas são mais objetivas que as obtidas em questionários, uma vez que os significados das palavras são esclarecidos durante a própria entrevista, o que minimiza as distorções nas respostas. Para os estudiosos da comunicação a entrevista é um método tradicional e relevante, pois é, em si e per si, um processo comunicacional. O mérito da entrevista está justamente em permitir ao entrevistador a análise de critérios subjetivos, por meio de uma contínua reinterpretação da fala dos entrevistados.

Sousa (2006, p. 378) afirma que a principal vantagem da entrevista é "a possibilidade de se obterem informações detalhadas sobre valores, experiências, sentimentos, motivações, ideias, posições e comportamentos, entre outras características dos entrevistados".

Durante o processo de entrevista o entrevistado participa de um processo de co-construção do conhecimento, reformulando dados e interpretando-os ao mesmo tempo em que responde a questão proposta. Dessa forma os dados coletados vão além da objetividade e são construídos na entrevista em função das reflexões do sujeito sobre o que lhe é perguntado.

Embora o mérito de construir dados durante o processo de apuração não seja exclusivo da entrevista, este método também tem o mérito de ser mais aberto e flexível, possibilitando a abertura a todo um conjunto de fenômenos passíveis de serem descritos pela experiência humana. Além disso, a

entrevista enquanto ferramenta é especialmente relevante porque, no momento da entrevista, enquanto o pesquisador e o pesquisado estão em contato direto, em um processo de comunicação interpessoal, estão também construindo significados, e conceitos, que emergem e desvendam o fenômeno estudado configurando novas zonas de interpretação de resultados.

Buer e Gaskell (2002) apresentam alguns tipos de entrevistas e analisam suas forças e fraquezas, indicando as situações em que cada uma delas deve ser utilizada para obter melhores resultados. Embora vários tipos de entrevistas possam ser usados nos estudos de comunicação, aspecto como praticidade e clareza nos resultados desejados fazem com que nesta pesquisa se opte pelo uso de entrevistas estruturadas e semi-estruturadas; ou seja, entrevistas realizadas a partir de um roteiro previamente definido, que deverá ser seguido pelo pesquisador, e entrevistas semi-estruturadas, na qual o mesmo roteiro poderá ser acrescido de novas perguntas, a critério do entrevistador, quando o entrevistado apresentar dados relevantes que não estavam previstos no roteiro original. Ou ainda, caberá ao entrevistador ter a sensibilidade de saber quando deve interromper o roteiro original para acrescentar novas questões e, esgotado este aspecto novo, retornar ao roteiro inicialmente previsto. Quanto à interpretação dos dados construídos durante as entrevistas, podemos considerar que os pesquisados representam uma visão do mundo única e peculiar, e cuja análise deverá ser confrontada e enriquecida com os dados obtidos por meio das demais metodologias de pesquisa previstas neste artigo.

De uma perspectiva funcional-estrutural, a entrevista é uma geradora de novos conhecimentos, co-construídos com os entrevistados, que permitem delinear em aspectos amplos seus interesses pessoais, sua capacidade interpretativa de ressignificação das mídias e sua inserção social.

3.3) Corpus para construção da amostra

O jornalismo é uma atividade em si mesma complexa, pois envolve técnica e ética, em uma relação nem sempre equilibrada. Em função disso, os jornalistas tendem a estar imersos em contradições e complexidades, que envolvem seu *ethos*¹ profissional, mas também as condições materiais desta prática: ao mesmo tempo em que buscam a verdade factual - a verdade dos fatos - os jornalistas também almejam (ou acreditam possuir) uma visão ampla da sociedade e até mesmo uma capacidade de *prever* acontecimentos. Essa relação torna o jornalista um entrevistado difícil, em geral desconfiado das intenções de quem o entrevista, mas, sobretudo, com a tendência de se colocar no centro de fatos dos quais efetivamente não participou (mas que percebem afetados pelo jornalismo). Cabe ao pesquisador separar esses dois pontos, mas também fazê-lo sem *queimar a fonte* (jargão jornalístico que remete a ideia de inviabilizar o uso da fonte de informação). Desta forma, para entrevistar jornalistas é fundamental conquistar o seu respeito: o entrevistador deve estar bem informado sobre o tema da entrevista e sobre o contexto no qual ele se insere. Recomenda-se também uma formulação prévia de perguntas, a gravação das respostas e, sobretudo, uma percepção crítica do que está sendo perguntado que vá além do factual, buscando também aspectos conjunturais.

Além disso, o corpus deve considerar também aspectos comuns em outras pesquisas qualitativas como variedade suficiente para abarcar diferentes possibilidades e uniformidade para possibilitar a delimitação de padrões. No caso dos jornalistas, isso significa considerar as diferentes possibilidades de atuação do profissional, e particularmente, a qualidade do contato que ele mantém com as fontes de informação.

¹ Charaudeau e Mainguenu (2004, p. 220) consideram que o termo *ethos* tem raízes na retórica antiga, pois designa a imagem de si mesmo e do *locus* que o individuo ocupa com o objetivo de melhor exercer sua influência sobre seu receptor.

Justamente pela dificuldade que apresenta, entrevistar jornalistas não é um caminho seguido por muitos pesquisadores no Brasil e mesmo na América Latina. Ainda assim, exemplos bem sucedidos desta dinâmica estão nos trabalhos de Travancas (1993); Temer (1996 & 2002); Rezende e Kaplan (1994).

3.4) Métodos de análise - Análise de Discurso Crítica

Sobre as entrevistas e análise dos dados: entre o que é dito e o que é percebido, a opção pelo método de Análise de Discurso Crítica encontra respaldo em Fairclough (2003), que utilizou a expressão 'Análise de Discurso Crítica' pela primeira vez em um artigo publicado no *Journal of Pragmatics*, em 1985, firmado em uma percepção da linguagem como parte irredutível da vida social dialeticamente interconectada a outros elementos sociais.

Segundo Magalhães (2005), a análise de discurso crítica contribui para o debate de questões ligadas à ciência social crítica e à pesquisa crítica sobre a mudança social, tendo em vista que agimos discursivamente e também representamos discursivamente o mundo social à nossa volta. Este método de análise caracteriza-se como importante forma de identificação da representação dos discursos quando buscamos responder à pergunta central deste trabalho: **As entrevistas com jornalistas caracterizam-se como fontes alternativas e diferenciadas de dados?**

4. Análise e Resultados

O jornalista, e mais do que isso, todos aqueles que trabalham com o jornalismo de forma direta - os agentes do jornalismo - possuem uma visão de mundo diferenciada em consequência do exercício da própria profissão. Travancas (1993) afirma que o mundo do jornal inclui profissionais e personagens da comunicação além dos jornalistas. Mesmos jornalistas sendo os protagonistas e os demais setores de um jornal não tendo a mesma agitação da redação, quem trabalha nestes departamentos afirma que a movimentação e tensão da redação contaminam toda a empresa.

Ora, se o modo de ser dos jornalistas - aí incluído o modo de pensar - contamina toda a empresa, o que dirá dos que, não sendo jornalistas, trabalham com jornalistas. Assim, as citações de Travancas (1993) acima, também são válidas para os agentes do telejornalismo.

É evidente que o grau de influência e o modo que cada indivíduo vai perceber sua atuação na sociedade varia de acordo com sua posição dentro da estrutura da organização. Assim, é natural que um repórter se sinta mais importante que um cinegrafista ou que um motorista/iluminador, se sinta menos importante que um editor e assim por diante. Todos eles, no entanto, em função da atividade profissional possuem uma visão diferenciada do mundo.

Travancas (1993) trabalhando com depoimentos de jornalistas, a quem se refere como *informantes*, cita:

Há profissões que determinam uma postura muito particular diante delas e a vida, e acredito que o jornalismo seja uma dessas profissões. Ele é mais do que simplesmente uma fonte de sustento de seus membros. Atingiu um patamar tal em suas vidas que essas pessoas não se vêem mais na sociedade senão pelo papel profissional. [...] Eles se sentem como elementos essenciais e de muita responsabilidade dentro de uma sociedade. [...] Muitos entrevistados afirmam que um dos fatores que os levou a escolher esta profissão é o poder de transformação da sociedade, de denúncia, de crítica (Travancas, 1993, p. 98)

Podemos compreender que o jornalista tem uma visão de mundo diferenciada das demais pessoas, está consciente disso e, constantemente, questiona o seu papel social, a importância da profissão e da sua força de transformação social. Contudo, se por um lado o jornalista possui poder, por outro

lado lhe é retirada a capacidade de transformação social. O jornalista tem também uma percepção de mundo diferenciada, fortemente influenciada pelas condições reais e subjetivas de sua atividade profissional.

É importante acrescentar que essa visão de mundo diferenciada do jornalista nem sempre é uma visão *real* do mundo. Certamente o mundo que em vivemos não é (ou não é apenas) o mundo das informações secretas, e nem o mundo das manchetes. Esse ponto deve ser analisado com cuidado, pois certamente a visão histórica dos jornalistas será influenciada por esses aspectos.

As características centrais do jornalismo são definidas em função do próprio processo de exercício do jornalismo, como a periodicidade ou compromisso com edições periódicas; a atualidade, ressaltando a importância da uma notícia 'fresca' (fato novo ou desconhecido); a universalidade, destacando a importância de se ter uma variedade dentro do jornal envolvendo a realidade da cultura da sociedade; finalmente, a publicidade, que é a característica essencial do jornal e que faz um jornal ser aberto, público, arriscar, anunciar, se tornar conhecido e coletivo (Groth, 2011). O jornalismo também se baseia no compromisso com a verdade/realidade: o fato real efetivamente acontecido é 'o agora' e o mais novo. A partir desta característica/ compromisso, fica claro que uma imprensa independente e livre de restrições é necessária para fortalecer o processo de democratização, que ainda é preciso alcançar em algumas nações, incluídas as da América Latina.

5. Conclusões

Um dos elementos principais do jornalismo é o profissional do jornalismo, o jornalista, aquele que realiza a tarefa de procurar a notícia, quem descobre, apura, escreve e divulga, é quem escuta e vê, e reformata o material a partir de uma formação ética, voltada para a defesa da cidadania (AMARAL, 1978). Desta forma, a informação jornalística vai além da formatação técnica: seu valor/importância se fundamenta na respeitabilidade atribuída a atividade. Essa relação, por sua vez, gera códigos de conduta e delimita a sua função social.

O jornalismo, portanto, deve ser compreendido a partir da dinâmica que interliga comunicação, democracia e cidadania.

O direito de comunicação corresponde ao passaporte da cidadania, ao instrumento que viabiliza a integração de cada indivíduo a sua comunidade. Trata-se inegavelmente de um direito de todos saber e transmitir, ouvir e falar, conhecer e reproduzir. (Marques de Melo, 1985, p.11)

As entrevistas devem ser sempre gravadas e apoiadas com anotações que permitam registrar comportamentos, ambientes e números, em caso de algum entrevistado trazer dados ou documentos únicos. De forma indireta, também devem ser considerados os elementos subjetivos do texto (assuntos que foram evitados, constrangimentos e elementos que foram colocados de forma indireta), bem como a linguagem corporal dos entrevistados e outros aspectos julgados pertinentes. Importante também detectar e analisar quais são as motivações para continuar atuando na profissão, incluindo desde técnicas de improvisação/sobrevivência, até a intenção de defender a cidadania, buscando entender como os jornalistas selecionam a informação que deve (ou não) ser publicada. O olhar diferenciado deste trabalho está em destacar que não se trata apenas de um trabalho de história oral, porque a memória do jornalista não diz respeito à sua vida, mas aos fatos que ele relata. Sua função é de um mediador das informações, pois ele é um leitor crítico do que viu e ouviu, colocando desta forma o próprio princípio de leitura crítica no fazer diário de seu trabalho. Essa leitura crítica do jornalista é feita a partir do valor notícia, critérios de noticiabilidade; a formação ética e a visão da notícia e a verdade como algo factual. Além disso, a sua identificação

pessoal, o jornalismo investigativo e o papel do pesquisador/investigador/ jornalista.O ideal de um jornalismo investigativo faz parte do ideal do jornalismo e isso o contamina e ele assim se sente. Por tudo isso, podemos concluir que sim, **as entrevistas com jornalistas caracterizam-se como fontes alternativas e diferenciadas de dados.**

Bibliografia

- Bergson, H. (1959). Oeuvres. Paris: PUF.
- Bom Meihy, J. C. S. (1996). Manual de história oral. São Paulo: Loyola.
- Bosi, Ecléa. (1994). Memória e sociedade - lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bourdieu, P. Sobre televisão. (1997). Seguindo de A influência do jornalismo e Jogos Olímpicos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Buer, M.W. e Gaskell, G. (2002). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Petrópolis: Vozes.
- Caiafa, Janice. (2007). A pesquisa etnográfica: aventura das cidades, ensaios e etnografias. Rio de Janeiro: Editora FGV.
- Carvalho, José Murilo de. (2010). Cidadania no Brasil: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Charaudeau, Patrick; Mainguenu, Dominique. (2004). Dicionário de análise do discurso. São Paulo: Contexto.
- Fairclough, N. (2003). Analysing Discourse: textual analysis for social research. London: Routledge.
- Godoy, Arlinda Shimidt. (1995). Pesquisa qualitativa - tipos fundamentais. In: Revista de Administração de Empresas. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas, v.35, n. 3.
- Groth, Otto.(2011). O poder cultural desconhecido: fundamentos da ciência dos jornais. São Paulo: Vozes.
- Guber, Rosana. (2001). La etnografía, método campo y reflexividad. Bogotá, Colombia: Norema.
- Halbwalch, M. (1956). La mémoire collective. Paris: PUF.
- Halbwalch, M. (1964). La topografie légendaire des évangiles en Terre Sainte.Paris: PUF.
- Magalhães, Izabel. (2005). Introdução - A análise de discurso crítica. DELTA, São Paulo 21: Especial, 1-9.
- Marconi, Marina de Andrade; Lakatos, Eva Maria. (2003). Fundamentos de metodologia científica. São Paulo: Editora Atlas.
- Marques de Melo, José. (1991). Indústria Cultural, jornalismo e jornalistas. In: Intercom— Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo: Ano XIV, nº. 65. jul./dez.
- Marques de Melo, José. (1985). Para uma leitura crítica da comunicação. São Paulo: Edições Paulinas.

- Minayo, Maria Cecília de Souza. (2000). O desafio do conhecimento. São Paulo/Rio de Janeiro. Hucitec-Abrasco.
- Rezende, S.; Kaplan, S. (Org.). (1994). Jornalismo Eletrônico ao Vivo. Petrópolis, Vozes.
- Souza, Jessé. (2003). A Construção Social da Subcidadania: Para uma Sociologia Política da Modernidade Periférica. Editora UFMG. Belo Horizonte.
- Sousa, Jorge Pedro. (2006). A prática antes da teoria e o foco no objetivo: uma proposta para o ensino universitário de jornalismo. In: Moreira, Sônia Virgínia; Vieira, João Pedro Dias (Org.). Ensino e Pesquisa em Comunicação. São Paulo/Rio de Janeiro, Intercom/UERJ.
- Temer, Ana Carolina Rocha Pessôa. (2014). Flertando com o caos: comunicação, jornalismo e televisão. Goiânia: FIC/UFG.
- Temer, Ana Carolina Rocha Pessôa. (2016). Apresentação. In: TUZZO, Simone Antoniaci. Os sentidos do impresso. Goiânia: Gráfica / UFG.
- Temer, Ana Carolina Rocha Pessôa. (2002). Notícias & Serviços nos telejornais da Rede Globo. Rio de Janeiro: Sotese.
- Temer, Ana Carolina Rocha Pessôa. (1996). Colhendo notícias, plantando imagens: a reconstrução da história da TV Triângulo a partir da memória dos agentes do seu telejornalismo. São Bernardo do Campo: UMEESP (Dissertação)
- Temer, Ana Carolina Rocha Pessôa; Tuzzo, Simone Antoniaci. (2014). Rupturas metodológicas para uma leitura crítica da relação entre a comunicação e a cidadania – Volume 2 - Anais: XI LUSOCOM, Universidade de Vigo – Campus de Pontevedra – Galícia – Espanha. 2014. Disponível em: <<http://www.lusocom.info/pt/livro/113>>. Acesso em: 02 fev 2017.
- Thompson, P. (1988). A voz do passado - história oral. São Paulo: Paz e Terra.
- Travancas, Isabel S. (1993). O mundo dos jornalistas. São Paulo: Summus.
- Tuzzo, Simone Antoniaci. (2016). Os sentidos do impresso. Goiânia: Gráfica / UFG.